

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Faculdade de Educação - FaE

Centro de Ensino de Ciências e Matemática de Minas Gerais -  
CECIMIG

Especialização em Educação em Ciências

**Taciana Azizi Santana**

**Educação Sexual na EJA: A importância do modelo biopsicossocial no ensino  
de ciências**

**Belo Horizonte  
Novembro 2019**

**Taciana Azizi Santana**

**Educação Sexual na EJA: A importância do modelo biopsicossocial no ensino de ciências**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso Especialização em Educação em Ciências, do Centro de Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Área de concentração: Ensino de Ciências

Orientador (a): Luiz Gustavo Franco

**Belo Horizonte  
NOVEMBRO 2019**

## Ficha catalográfica

S232a  
TCC Santana, Taciana Azizi, 1988-  
Educação sexual na EJA [manuscrito] : a importância do modelo biopsicossocial no ensino de ciências / Taciana Azizi Santana. - Belo Horizonte, 2019.  
21 f. : enc., il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.  
Orientador: Luiz Gustavo Franco Silveira.  
Bibliografia: f. 20-21.

1. Educação. 2. Ciência -- Estudo e ensino. 3. Educação sexual. 4. Educação de adultos. 5. Doenças sexualmente transmissíveis -- Estudo e ensino.  
I. Título. II. Silveira, Luiz Gustavo Franco, 1988-.  
III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 372.372

Catálogo da Fozze : Biblioteca da FALCUPMG (Setor de referência)  
Bibliotecário: Ivair Almeida Loureiro CDB: MG-005960

## Ata de defesa / Folha de aprovação



### Dados de Identificação:

ALUNO: TACIANA AZIZI SANTANA

TÍTULO DO TRABALHO: Educação sexual na EJA: a importância do modelo biopsicossocial no ensino de Ciências

### Banca Examinadora:

Professor Orientador: Luiz Gustavo Franco Silveira

Professor Examinador: Ludmila Olandim De Souza

### Parecer:

Aos 30 dias do mês de novembro de 2019, reuniram-se na sala 3106 do CECMIG, o professor orientador e o examinador, acima descritos, para avaliação do trabalho final do(a) aluno(a) Taciana Azizi Santana. Após a apresentação, o(a) aluno(a) foi arguido e a banca fez considerações conforme formulário anexo:

Assim sendo, a banca considera o trabalho  aprovado  
 aprovado mediante modificações com entrega até 03/02/2020  
 reprovado. Agendamento de nova defesa até 27/02/2020

Belo Horizonte, 30 de novembro de 2019

Assinatura da banca:

NOTA: 9,1

Obs: no caso da banca indicar reformulações, o orientador deverá encaminhar ao colegiado, ao final do prazo estipulado, carta informando se as modificações foram feitas conforme recomendado pela banca examinadora. O colegiado, então, submeterá o parecer a aprovação.

# **Educação Sexual na EJA: A importância do modelo biopsicossocial no ensino de ciências**

Sex Education with Adults: The importance of the biopsychosocial model in science teaching

## **Resumo**

Este artigo tem como finalidade discutir como os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) interagem e participam em discussões sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's). Para coleta de dados, realizamos observação participante, registro em diário de campo e gravação de áudio/vídeo de uma sequência de seis aulas no contexto da EJA. Especificamente, nossas análises se voltaram para as discussões ocorridas nas aulas 1 e 6, nas quais observamos participações mais ativas dos estudantes. Os resultados indicam relações estabelecidas pelos estudantes entre as IST's e vivências pessoais, como a vida conjugal e conhecimentos sobre outras doenças. Além disso, indicamos a emergência de questões sociais durante as discussões, especialmente quando os estudantes mobilizavam relações de gênero ao discutir as IST's. Nesse sentido, indicamos a relevância de um modelo biopsicossocial para o ensino de IST's, dando enfoque não apenas em aspectos biológicos da sexualidade, mas também em aspectos sociais e culturais.

**Palavras chave:** Educação Sexual, Educação de Jovens e Adultos, IST's, Interações Discursivas.

## **Abstract**

This paper aims to discuss how students of Youth and Adult Education interact and participate in discussions about Sexually Transmitted Infections. For data collection, we performed participant observation, written recording and audio/video recording of a sequence of six lessons in two EJA's classrooms. Specifically, our analyzes turned to the discussions that took place in lessons 1 and 6, in which we observed more active student participation. The results indicate relationships between STI's and personal experiences, such as married life and knowledge about other diseases. In addition, we indicated the emergence of social issues during discussions, especially when students mobilized gender relations when discussing STIs. We indicate the relevance of a biopsychosocial model for teaching STIs, focusing not only on biological aspects of sexuality, but also on social and cultural aspects.

**Keywords:** Sexual Education, Youth and Adult Education, STIs, Discursive Interactions.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>REFERENCIAIS TEÓRICOS</b>	<b>8</b>
<b>METODOLOGIA</b>	<b>10</b>
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>13</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>19</b>
<b>AGRADECIMENTOS E APOIOS</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>20</b>

## Introdução

O presente trabalho foi produzido a partir da análise de interações em sala de aula de ciências relacionadas à Educação Sexual na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Segundo Sampaio e colaboradores (2012), esta temática constitui o conteúdo da disciplina de Ciências da Natureza proposto para o 7ª e 8ª ano do Ensino Fundamental, conforme orientações curriculares oficiais brasileiras (ver BRASIL, 1997, 2017). Apesar de ser uma temática que normalmente é voltada para a formação de adolescentes, o presente estudo voltou-se para turmas de jovens e adultos, tendo em vista que a sexualidade é construída ao longo da vida e a EJA pode ser considerada um espaço-tempo privilegiado de formação em Educação Sexual (FERNANDES et al., 2012).

A Educação Sexual nas escolas tem sido um desafio, sendo até mesmo evitada pelos docentes, por envolver certos tabus, preconceitos, questões morais e religiosas, muitas vezes relacionados à polêmica e constrangimento (SAMPAIO et al., 2012). Apesar disso, trata-se de uma pauta relevante na Educação Básica, uma vez que, é função social da escola desenvolver os princípios de democracia e ética, pautados no respeito pelo outro, por si mesmo e pela diversidade (FIGUERÓ, 2006).

Apesar da pretensa transversalidade com que se fala da temática, autores relatam que este trabalho acaba sendo realizado exclusivamente por professores da área de Biologia, quando se discutem questões acerca da saúde reprodutiva e o estudo do corpo humano (ALTMANN, 2009). Assim, torna-se um trabalho mais desafiante uma vez que sobrecarrega um único campo disciplinar e a sexualidade acaba sendo associada à figura de um único professor que acumula as funções de discutir aspectos não apenas da Biologia sexual, mas outros elementos culturais e sociais que constituem nossa sexualidade.

Dentre os desafios centrais enfrentados pelos professores de Biologia, encontramos o ensino das IST's – infecções sexualmente transmissíveis<sup>1</sup>. A temática é desafiante, dado o contexto social relacionado às IST's. As IST'S encontram-se entre as cinco principais causas de busca nos serviços de saúde. Podem causar complicações sérias como infertilidade, aborto, malformações e, em alguns casos, até a morte (CARRET et al, 2004). Políticas públicas que associam saúde à educação têm feito propostas para tais questões:

Em 2003, (...) foi lançado o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), cujo objetivo central é a promoção da saúde sexual e da saúde reprodutiva, visando reduzir a vulnerabilidade de adolescentes e jovens às doenças sexualmente transmissível (DST), a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) e a gravidez não planejada ou indesejada, por meio do desenvolvimento articulado de ações nos âmbitos das escolas e das unidades básicas de saúde (BRASIL, 2006).

Nessa mesma direção, pesquisas têm apontado possíveis relações entre menor idade de iniciação sexual, baixa escolaridade e baixa renda, como os fatores de maior risco para as IST's (CARRET et al., 2004). Tais indicações destacam a

---

<sup>1</sup> O termo IST tem sido o termo utilizado pela OMS (Organização Mundial de saúde) e foi atualizado, no Brasil, pelo ministério da saúde (Decreto nº 8.901/2016). O termo "D" (doença de DST) nem sempre caracteriza o estado de infecção, pois estas podem ter fases assintomáticas ou serem assintomáticas ao longo de toda a vida.

relevância de um trabalho voltado para discussões sobre IST's na Educação Básica buscando a participação ativa dos estudantes, com enfoque na prevenção de maneira crítica e consciente (ALTAMANN, 2009).

Especificamente, conforme indicamos ressaltamos que esse trabalho não fica restrito aos alunos e alunas adolescentes. Dados têm indicado a necessidade da Educação Sexual também entre jovens e adultos, público para o qual o presente estudo se voltou. A população adulta e idosa aumentou consideravelmente nos últimos anos no Brasil e teve uma melhora na expectativa e qualidade de vida. Houve também alterações no comportamento sexual, gerando relações sexuais e afetivas mais ativas (FERNANDES et al., 2012, p. 27):

O aumento da atividade sexual sem proteção na população adulta confirma dados do ministério da saúde que vem notificando aumento do número de casos de AIDS na população com 40 anos e mais de idade.

Segundo Henderson e colaboradores (2004), nos EUA, 10% dos casos de AIDS em mulheres aconteceram na idade de 50 anos ou mais. Desse conjunto, 32% tinham 60 anos de idade ou mais, indicando casos que ocorreram após a menopausa. Esses dados destacam a necessidade de ações de promoção em saúde, referente à sexualidade e IST's, que devem levar em consideração a conduta sexual dos indivíduos e dados sobre suas práticas sexuais, estando atentos também às pessoas que já sabem sobre IST's (CARRENO; COSTA, 2006).

Percebe-se, então, uma série de desafios dos professores ao ensinar temas sobre a sexualidade, não só para os adolescentes, vistos como inexperientes da vida sexual, mas para estudantes jovens e adultos que também apresentam uma série de tabus e resistências quanto ao tema (FERNANDES et al., 2012). Nesse contexto, se insere a presente pesquisa que tem como objetivo contribuir nesse debate ao investigar como estudantes da EJA discutem suas dúvidas e percepções sobre IST's em aulas de ciências.

## Referenciais Teóricos

A sexualidade humana envolve aspectos mais amplos que o ato sexual em si e vai além das dimensões biológicas do sexo. Conforme discutido por Figueró (2006), a sexualidade envolve afetividade, bem querer, aspectos comunicativos, gestos, toque corporal, além de uma série de valores e normas morais que as diferentes culturas constroem sobre os comportamentos ligados ao sexo.

A partir dessa concepção mais ampla, que considera aspectos sociais e culturais, buscamos discutir a sexualidade em suas relações com a educação formal. Atualmente o grande aumento nos casos de IST's entre jovens e adultos, casos de gravidez não desejada e programas educacionais pouco eficientes são pontos preocupantes e devem ser priorizados tendo em vista uma Educação Sexual consolidada e bem desenvolvida no contexto brasileiro (SAMPAIO et al., 2012).

O Ministério da Educação, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais, indica a Orientação Sexual como um dos temas transversais nas várias áreas do conhecimento. Significa a inserção desta temática no ambiente escolar buscando interdisciplinaridade e a contextualização a partir de diferentes campos disciplinares, reconhecendo o raciocínio, formação e a construção do conhecimento dos envolvidos (BRASIL, 1998). Apesar de ser um documento com mais de vinte anos, houve um avanço tímido nesse processo de inserção.

Recentemente, a BNCC, Base Nacional Comum Curricular, apresentou entre suas unidades temáticas o objeto de conhecimento “Mecanismos Reprodutivos e a Sexualidade”. O tópico indica a relevância de discussões como as transformações da puberdade, métodos contraceptivos, prevenção à gravidez indesejada e as IST’s e AIDS. O documento também alerta para a construção de discussões em sala de aula capazes de considerar a sexualidade humana a partir de diferentes dimensões – *biológica, sociocultural, afetiva e ética* (BNCC, 2017).

Nessa mesma direção, há uma série de propostas de como a sexualidade pode ser trabalhada no contexto escolar, sendo considerado um aspecto relevante na formação humana. Porém, a Educação Sexual mesmo considerada necessária no processo de formação dos alunos, gera grande insegurança entre os professores. Na realidade, os cursos de formação de professores não preparam os mesmos para trabalhar sexualidade no ambiente escolar, sendo compreensível esta insegurança e preocupação dos docentes em desenvolver este conteúdo que, conforme já mencionamos, é um tabu na sociedade (FIGUEIRÓ, 2006).

É relevante destacar que os professores desenvolvem a Educação Sexual não com o objetivo de influenciar seus alunos em seus valores pessoais. A proposta de trabalho é gerar possibilidades de várias reflexões acerca da sexualidade, para que os alunos discutam, reflitam e obtenham sua própria opinião acerca de tais questões. Além disso, é tarefa do professor gerar oportunidades para que seus alunos tenham informações precisas, objetivas e embasadas na ciência sobre questões ligadas à sexualidade (FIGUEIRÓ, 2006).

Outro aspecto relevante para a presente pesquisa é considerar que a Educação Sexual, apesar de ser enfatizada em fases específicas da escolarização, não está restrita a um certo grupo ou faixa etária. Alterações comportamentais da sexualidade não são observadas apenas na adolescência. Nesse sentido, é necessário pensar uma Educação Sexual voltada para especificidades da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O contexto da EJA demanda um trabalho coerente com as características desse grupo, pensando na pluralidade dos sujeitos e articulando suas diversas vivências familiares e sociais (MACHADO et al., 2007).

A EJA, no presente trabalho, é considerada um espaço-tempo escolar com grande potencial para o trabalho de orientação sexual, pois permite ricos diálogos entre as diversas experiências de vida dos alunos e demanda contínuas reflexões sobre alternativas metodológicas capazes de estabelecer relações entre os conhecimentos dos alunos e o conhecimento cientificamente construído sobre sexualidade e IST’s (PICONEZ, 2006).

Nesse sentido, norteamos nosso planejamento a partir dos modelos de Educação em Sexualidade denominados: biológico-centrado e biopsicossocial (VIEIRA; MATSUKURA, 2017). Duarte (2010) relata que pode haver variação nos modelos de Educação Sexual, em relação às concepções daqueles que a desenvolvem. Tais modelos se apoiam em concepções teóricas e subjetivas para aplicação das práticas na educação sexual, noções específicas sobre sexualidade, até mesmo em relação aos temas a serem tratados em sala de aula.

A partir da caracterização de Vieira e Matsukura (2017), as formas predominantes de educação sexual são aqueles mais centrados nos conhecimentos biológicos e preventivos da sexualidade, com maior enfoque na prevenção das IST’s e gravidez não planejada na adolescência. Buscam, em geral, amparar e guiar o corpo e as atitudes dos estudantes, sendo organizadas pelos autores como modelo biológico-centrado. O modelo biopsicossocial, por sua vez, reúne as formas de ensino orientadas por noções mais abrangentes da sexualidade. É uma concepção ampliada,

que envolve questões biológicas, mas vai além delas. Trata da biologia sexual como algo que mantém relações com questões subjetivas e socioculturais, tais como: fatores culturais e sociais, gênero e diversidade sexual.

Nas aulas acompanhadas, conforme discutido a seguir, houve uma variação no uso dos dois modelos, de modo que nossas análises se voltaram para as aulas em que o modelo biopsicossocial apareceu de forma mais expressiva, dada sua maior potencialidade pensando nas especificidades do grupo investigado.

## **Metodologia**

### **Contexto da pesquisa**

A análise aqui desenvolvida ocorreu em um projeto de Educação de Jovens e Adultos promovido por uma escola pública localizada no campus de uma universidade federal da cidade de Belo Horizonte/MG. Nesta escola, há o Ensino Fundamental ofertado nos turnos da manhã/tarde e, à noite, Ensino Fundamental e Médio é ofertado a estudantes jovens e adultos por meio de um projeto de extensão da universidade.

O referido projeto já existe há mais de 30 anos na escola e tem como objetivos centrais: i) gerar uma oportunidade de escolarização no ensino fundamental para Jovens e Adultos, atendendo a estudantes que, por diversas razões, deixaram a escola no tempo regular, mas que retornam à sala de aula com diferentes anseios e objetivos; ii) gerar oportunidades para formação de futuros professores, uma vez que, os docentes que atuam no projeto são alunos de licenciatura de diversos cursos, orientados por professores da universidade.

Essa caracterização sinaliza, de forma geral, o grupo com o qual foi desenvolvida a presente pesquisa. Foram duas turmas, com um total de 35 alunos, denominadas aqui Turmas 1 e 2. As turmas estão matriculadas no segundo ano do curso que possui de três anos para sua integralização, o que corresponde ao 7º ano do Ensino Fundamental regular. Com idades e histórias de vida bastante diversificadas, as turmas são heterogêneas. Desde pessoas já idosas, aposentadas e que buscam uma ocupação e retomada de seus estudos, até pessoas mais jovens, que anseiam retomar seus estudos por melhores condições de trabalho, chances de emprego e qualificação profissional.

A professora regente da turma, por sua vez, é estudante do curso de Licenciatura de Ciências Biológicas e estabelecia seus primeiros contatos com a docência por meio do projeto. O trabalho desenvolvido nas aulas sobre Educação Sexual ocorreu a partir da parceria entre a professora e a pesquisadora que compartilharam ideias, planejamentos e assumiram a regência das atividades em diferentes momentos de um conjunto de 6 aulas, conforme descrevemos a seguir.

### **A sequência de aulas**

A elaboração e execução da sequência buscou se apropriar de discussões relacionadas à Educação Sexual tendo em vista suas especificidades na EJA. A partir de Vieira e Matsukura (2017), as aulas variaram em seus enfoques trazendo ora um modelo biológico-centrado e preventivo e ora um modelo biopsicossocial. A partir do modelo biológico-centrado e preventivo, como ocorreu nas Aulas 2 a 5, explorou-se aspectos mais relacionados à anatomia e fisiologia do sistema reprodutor humano. Já no modelo biopsicossocial, mais expressivo nas Aulas 1 e 6, a abordagem foi além

dos aspectos biológicos e envolveu questões sociais e subjetivas da sexualidade. Uma síntese do conjunto de aulas está representada pela Tabela 1:

<b>Aula/data</b>	<b>Temática</b>	<b>Breve Descrição</b>
1 09/05/2019	Começando a conversa: uma dinâmica de tira-dúvidas	Os alunos elaboraram, previamente, perguntas sobre sexo, sexualidade, sistema reprodutor, IST's, sendo todos os tipos de dúvidas relacionadas ao sexo. A pesquisadora, que conduziu esta primeira aula, foi lendo aleatoriamente e respondendo, em um formato de debate, com ampla participação e compartilhamento de novas dúvidas.
2 14/05/2019	Uma introdução ao Sistema Endócrino	A segunda aula foi conduzida pela professora, por meio do uso de slides e material escrito. A professora explicou sobre diferentes atuações de glândulas endócrinas e foram relevantes dentro da sequência as explicações acerca das glândulas relacionadas ao sistema reprodutor masculino e feminino. Destaca-se a participação dos estudantes por meio de dúvidas compartilhadas com a professora durante a aula, além das relações com seu cotidiano, expressadas por meio de exemplos da própria vida ou de amigos/familiares relacionados à ação hormonal.
3 e 4 16/05/2019	O Sistema Reprodutor	A professora da turma usou slides para explicar o sistema reprodutor masculino e feminino. Nestas aulas, a turma utilizou arquivos impressos com figuras dos órgãos de cada sistema, gerando oportunidade para revisar a exposição da professora e um momento em que surgiram várias dúvidas.
5 21/05/2019	Aula sobre as IST's	Aula com a pesquisadora sobre as IST's que estão mais comuns e estudadas atualmente: sífilis, gonorréia, AIDS, herpes genital, HPV e chato. Por meio de slides, a pesquisadora trazia aspectos centrais de cada infecção: causas, sintomas, tratamento e prevenção. Utilizou-se também como recurso, cartilhas sobre sífilis, HIV e hepatite B. Os estudantes se mostraram muito interessados, tiraram várias dúvidas, incluindo questões como a existência de vacinas e postos para vacinação, idade, direito a medicamentos e procedimentos nos postos de saúde, etc.
6 23/05/2019	Jogo sobre as IST's	A turma participou de dois jogos conduzidos pela pesquisadora. O primeiro jogo se chama <i>cadeia de transmissão</i> <sup>2</sup> . Por meio deste jogo, a turma vivenciou um

<sup>2</sup>Funcionamento do Jogo *Cadeia de Transmissão*: Utilizamos pequenos pedaços de papel com desenhos de figuras geométricas em cada um. Havia 04 quadrados, 04 círculos e 01 triângulo. Cada participante ganhou um pedaço de papel e não poderia ver a ficha do outro. Colocamos uma música, como era época de festa junina, utilizamos uma música de quadrilha. Quando a música parasse, cada aluno deveria se aproximar do colega mais próximo e copiar o desenho que está no papel do seu colega. Repetimos a música por quatro vezes. Ao terminar a dança, pedimos os alunos para sentarem e tivemos uma conversa com o grupo. Inicialmente, perguntamos: O que vocês acham que representa cada figura? Depois de ouvirmos as opiniões, anotamos a legenda no quadro:

Triângulo: Pessoa portadora de IST que não se protegia em suas relações sexuais.

Círculo: Pessoa não- portadora de IST que não se protegia em suas relações sexuais.

Quadrado: Pessoa não- portadora de IST que se protegia em suas relações sexuais.

Ao lado da legenda, colocamos o número de pessoas que ficou com a respectiva figura e começamos a perguntar: Quem tem no seu papel pelo menos um triângulo? Pedimos que eles explicassem o que

		momento de descontração a partir da dança, duplas e teve oportunidades de discutir questões como mecanismos de transmissão de IST's e prevenção. Houve um engajamento bastante positivo nas turmas, compartilhamento de ideias e relatos de experiências pessoais acerca do tema. O outro jogo tratava-se de uma competição entre duplas a partir de perguntas e respostas sobre as IST's e sistema reprodutor discutidas na Aula 1,3,4 e 5. Também foi um momento com engajamento expressivo e manifestação de algumas dúvidas dos estudantes.
--	--	---

Tabela 1: Síntese das aulas de ciências desenvolvidas neste estudo.

## Coleta e análise de dados

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa (ANDRÉ, 2007), tendo foco nas aulas de ciências vivenciadas em seu ambiente natural. A partir dessa perspectiva, buscou-se dar visibilidade às experiências dos sujeitos envolvidos, especificamente, os estudantes jovens e adultos das turmas investigadas.

Partindo desses pressupostos, foram utilizadas as seguintes ferramentas de coleta: gravações em áudio das aulas e registro em diário de campo. Sendo que a última aula, dos jogos, foi filmada. As gravações permitem o registro da vivência cotidiana das aulas de ciências das turmas, gerando oportunidades para que pudéssemos retomar as interações tendo em vista o que os participantes compartilhavam nas discussões (GREEN, DIXON; ZAHARLIC, 2005).

O diário de campo, por sua vez, foi elaborado com base nas indicações de Frank (1999) e preenchido ao final de cada aula. No diário foram registrados: i) diferentes momentos da aula, ii) artefatos utilizados, iii) possíveis contrastes entre aquilo que tinha sido planejado e o que havia acontecido, e iv) pontos que mais chamaram a atenção da pesquisadora.

A partir desses dados, nossas análises se debruçaram sobre as aulas que tiveram maior enfoque no modelo biopsicossocial, tendo em vista a diversidade de experiências subjetivas vivenciadas pelos estudantes da EJA e os registros das notas de campo que indicaram uma participação mais expressiva das turmas nessas aulas. A roda de conversa sobre dúvidas acerca da sexualidade (Aula 1), bem como o jogo sobre IST's (Aula 6), foram elaborados pensando em gerar maior abertura aos alunos e possibilidades do compartilhamento dessas experiências que, conforme indicou nosso referencial teórico, se trata de um tabu entre os estudantes da EJA.

## Resultados e Discussão

Antes da primeira aula da sequência, cerca de duas semanas, estivemos presentes nas turmas para explicar sobre o projeto e solicitamos aos alunos que elaborassem perguntas sobre dúvidas acerca de sexualidade, sistema reprodutor, infecções sexualmente transmissíveis, e outros tipos de dúvidas relacionadas ao

---

este número significa. Depois perguntamos: Quem iniciou com o papel que tinha o quadrado e depois copiou pelo menos um triângulo? Pedimos novamente que os alunos tentassem explicar o que esse número significava. Fizemos relações de todas as figuras, buscando discutir com o grupo o processo de infecção e prevenção. Ao longo do processo, destaca-se a ampla participação dos alunos, que buscavam compartilhar suas experiências e conhecimentos sobre o tema.

sexo. Ao longo das aulas posteriores, as perguntas foram recolhidas, o que culminou em uma discussão que deu início à sequência de aulas. Assim, na Aula 1, recolhemos as perguntas e ocorreu a discussão, a partir daquelas questões escritas e de outras que surgiam durante a conversa com os estudantes.

Na Aula 6, por sua vez, momento de conclusão da sequência, o grupo participou de um jogo sobre IST's, seguido de uma discussão sobre o tema. Organizamos nossos resultados a partir dos aspectos que mais chamaram nossa atenção nas interações discursivas dos estudantes, que nos indicaram: i) o direcionamento de questões de caráter biológico-centrado para discussões sobre aspectos sociais e culturais da sexualidade; ii) o estabelecimento de relações com vivências e conhecimentos sobre outras infecções; iii) o expressivo papel das relações de gênero.

Um primeiro aspecto foi à diferença observada entre as questões elaboradas pelos estudantes, escritas em papel antes da aula, e o encaminhamento das discussões orais sobre tais questões. Em uma primeira análise, observamos que as perguntas estavam muito relacionadas a questões biológicas, especialmente sobre IST's (Quadro 1). Cabe destacar que o comando da atividade era que escrevessem qualquer tipo de questão relacionada à sexualidade como um todo e não precisariam se identificar nos papéis. Em nosso planejamento, consideramos este aspecto importante por favorecer maior privacidade e liberdade aos alunos ao manifestarem suas dúvidas e curiosidades acerca do tema.

<b>Algumas das Questões discutidas</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>O que é o chato?</i></li> <li>- <i>Como é a vasectomia?</i></li> <li>- <i>Como sabemos quando a mulher está na ovulação?</i></li> <li>- <i>Tem como engravidar fazendo sexo anal?</i></li> <li>- <i>O que é sífilis?</i></li> <li>- <i>O que é herpes genital?</i></li> <li>- <i>O que é papilomavírus?</i></li> <li>- <i>Por que a mulher tem risco de engravidar após os 35 anos?</i></li> <li>- <i>O que é disfunção sexual?</i></li> </ul>

Quadro 1: Algumas das questões anotadas pelos estudantes em papel nas aulas anteriores.

Esta observação quebrou a nossa expectativa com relação ao que imaginávamos que pudesse aparecer nas questões. Pensamos que pudessem surgir dúvidas mais voltadas para questões cotidianas ou das experiências de vida dos alunos. Apesar disso, tais elementos não expressos nas questões escritas começaram a aparecer nas discussões orais. Isto é, mesmo as questões estando mais restritas a aspectos biológicos, especialmente definições de cada infecção, quando começamos o diálogo, observamos a emergência de uma série de relações com vivências pessoais e questões sociais sobre a temática.

Na interação a seguir, ocorrida na Turma 2, temos um exemplo nesse sentido (Tabela2):

<b>Falante</b>	<b>Fala</b>
Aluno 1	Quais os sintomas da sífilis?
Pesquisadora	Carocinhos, febre, depende da fase.
Aluna 2	Qual é uma doença que dá um monte de coisas na pele da pessoa que parece que a pessoa foi queimada de cigarro, eu já vi no hospital.
Pesquisadora	Então, depende [...] Porque a sífilis pode dar feridas na pele, mas não exatamente parecendo queimado de cigarro.
Aluno 1	Eu tive uma consulta e a médica falou que está com um surto da doença, pessoas casadas.
Pesquisadora	Mas têm muitos adolescentes que também estão tendo.
Aluna 3	A sífilis tem cura?
Pesquisadora	Tem sim. Tem tratamento geralmente com a benzetacil, que mata as bactérias.
Aluna 3	O cara traz a doença e a mulher fica com medo de falar. Tem lógica uma coisa desta?
Professora	Têm mulheres que tem uma pressão social. As mulheres tiveram uma criação rígida, medo de separar. Na família descobre que o marido estava traindo.

Tabela 2: Interação sobre a sífilis ocorrida na Aula 1, Turma 2.

A conversa sobre a sífilis começa com uma questão sobre os sintomas da doença pelos alunos 1 e 2. A pesquisadora começa a respondê-las, até que surge um comentário relacionado ao surto desta infecção. A aluna 1 mobiliza uma informação ouvida de uma médica que relaciona a infecção a um surto entre pessoas casadas. A pesquisadora chama a atenção para o fato de haver um surto mais amplo, também entre adolescentes. Porém, a aluna 3 retoma a questão e propõe uma explicação para o dado trazido pela colega: o homem traz a doença e a mulher tem medo de falar.

Nesse caso, os estudantes estão construindo significados sobre a sífilis a partir de uma vivência mais próxima a eles: a vida de casal. A professora posiciona o debate em um contexto mais amplo: questões culturais que fazem com que as mulheres tenham medo de se separar, mesmo quando descobrem casos de adultério. Esta interação nos ajuda a compreender como os estudantes da EJA estavam se apropriando das discussões: de perguntas com viés biológico-centrado (causas de infecções, sintomas, etc) para o compartilhamento de questões culturais e sociais envolvidas em tais perguntas.

Este envolvimento também pode ser caracterizado por meio das relações entre as infecções discutidas e conhecimentos sobre outras doenças já vivenciadas pelos estudantes (Tabela 3):

<b>Falante</b>	<b>Fala</b>
Pesquisadora	O que é herpes genital? É uma doença sexualmente transmissível que causa umas bolhinhas nos órgãos genitais.
Aluna 1	É perigoso?
Pesquisadora	Sim. Se não tratar espalha.
Aluna 2	Dói muito?
Pesquisadora	Dói sim
Aluna 3	É na vagina?

Pesquisadora	Isto. Na vagina ou no pênis.
Aluna 4	Já vi um bebezinho cheio de bolinhas na boca.
Professora	Sapinho que dá em bebê não é herpes, é fungo.
Aluno 5	Conheço uma pessoa que ficou internada por causa de herpes.
Aluna 6	Qual a diferença de afta para herpes?
Pesquisadora	Herpes é a doença causada pelo vírus que causa as bolhinhas podem ser em qualquer parte do corpo. Afta é causada por uma reação do organismo, pode ser problemas no estômago.
Aluna 6	Como causa a herpes?
Pesquisadora	Através da relação sexual.
Aluna 7	E quando dá afta na língua?
Professora	Inflamação na papila gustativa, mucosa da boca. Tem gente que faz bochecho, têm umas pomadinhas para passar, medicações.

Tabela 3: Interação sobre a herpes ocorrida na Aula 1, Turma 1.

Novamente, observamos o início de uma interação com um viés biológico-centrado que, nesse caso, perdura ao longo da interação sobre a herpes. O que destacamos é o modo como os estudantes buscam dar significado aos sintomas da infecção a partir de sintomas de outras doenças já conhecidas: o “sapinho” e a afta. A aluna 4 relata já ter visto um bebê com bolinhas na boca, o que é causado por um fungo, conforme explicitado pela pesquisadora, que é conhecido popularmente como sapinho. As alunas 6 e 7, por sua vez, buscam relacionar a herpes com a afta, entendendo suas diferenças de sintomas e causas.

Destacamos a relevância do professor de ciências promover discussões abertas para que os próprios estudantes tenham oportunidade de deixar mais claro o que estão entendendo sobre o que é dito. Ao falarem sobre o sapinho e a afta, as alunas expuseram a “imagem” do sintoma que tinham em mente e queriam compreender se era próxima do que a herpes poderia gerar.

Dentre as questões de caráter social que emergiram durante as discussões, destaca-se o gênero como mais expressivo. As relações entre homem e mulher e os significados dessas relações foram muito presentes nas discussões, o que corrobora com autores da Educação Sexual que indicam a forte articulação entre questões de gênero e sexualidade (FIGUERÓ, 2006). As interações a seguir nos ajudam a compreender esse processo:

Falante	Fala
Aluna 6	Por que a mulher diminui o desejo quando acaba a menstruação?
Pesquisadora	Diminuição dos hormônios femininos, aí dá ressecamento vaginal, diminuição da libido, dor na vagina.
Aluna 7	Mas isto não é toda mulher, porque eu não tive este problema não. Depois que fui traída me tornei outra mulher, hoje eu peço o que quero. Antes tinha que fazer o que só ele queria, não podia ter meus desejos. Hoje falo vai para [XXXX] quero deste jeito.
Professora	A mulher é submissa. A mulher sempre foi reprimida no desejo, isto é cultural. Os homens ficarem com muitas mulheres é garanhão, a mulher é vagabunda.

Tabela 4: Interação sobre o desejo sexual da mulher ocorrida na Aula 1, Turma 2.

Esta interação acompanha o fluxo observado em grande parte das discussões: de uma questão > resposta com viés biológico-centrado para mobilização de questões

mais amplas, envolvendo aspectos sociais e culturais. A aluna 6 e a pesquisadora começam uma discussão com elementos da biologia da mulher e a aluna 7 mobiliza uma vivência pessoal para questionar a resposta: “isto não é toda mulher”. A aluna relata uma mudança no seu posicionamento em suas relações: de uma postura de submissão, “tinha que fazer o que ele queria”, a aluna indica que se tornou “outra mulher”.

Ser mulher, nesse caso, aparece como ser alguém que pode ter desejos e que também se impõe. No campo social, o direito ao desejo é, de forma hegemônica, associado ao ser homem. A professora, na sequência, situa o debate em um contexto cultural mais amplo: homens e mulheres que têm relações com muitos parceiros são vistos de forma distinta na sociedade, o que se materializa no discurso nas categorias de “garanhão” e “vagabunda”.

Na Aula 6, quando os estudantes começam a discutir o jogo sobre IST's essa visão dominante aparece no discurso (Tabela 5):

Falante	Fala
Pesquisador	O que o jogo tem a ver com a aula?
Aluno 1	Acasalamento
Aluna 2	X e Y misturando.
Aluna 3	DST's
Aluna 4	Eu acho que é a doença que todo mundo pegou. Ele estava com uma doença e contaminou todo mundo.
Pesquisador	Pode ser
Aluna 2	Mas a bolinha é a pessoa que só faz sexo com quem ela conhece mesmo.
Aluna 3	Mas você vai confiar? Eu não confio mesmo.
Pesquisador	O que vocês acharam da brincadeira?
Aluna 5	Muito bom
Aluna 2	Quando ficamos na dúvida vamos com duas, se não tiver até saquinho de chup-chup.
Aluna 6	O pessoal que gosta de pegar um, pega outro na balada, tem que saber.
Pesquisador	Na balada a pessoa não tem uma placa escrito: Estou infectado.
Aluna 2	O certo é se a pessoa vai à caça, tem que ter uma camisinha. Às vezes a pessoa vê uma mulher na rua gostosona, fica doido, aí junta à fome com a vontade de comer [...] e vai você está infectada.

Tabela 5: Interação sobre o jogo das DST's ocorrida na Aula 6, Turma 2.

Nesta interação, o desejo aparece como algo perigoso e associado ao homem, na voz da aluna 2. É o homem que “fica doido” ao ver uma “mulher na rua gostosona” e isso aumenta o risco de infecção por IST. Interessante que, antes disso, a aluna 2 indica que a bolinha (símbolo utilizado no jogo) poderia estar segura de IST's, pois faz sexo apenas com pessoas conhecidas e a aluna 3 retruca ao questionar: “mas você vai confiar?” Isto é, mesmo em relações com pessoas conhecidas, seria necessário o uso de camisinha.

A questão da prevenção às IST's, portanto, também é perpassada por relações de gênero. Na discussão do jogo ocorrida na Turma 1, este aspecto também emerge

no discurso dos estudantes (Tabela 6):

<b>Falante</b>	<b>Fala</b>
Professora	Isto tudo foi ao acaso.
Luiz	Por que é o acaso? Por que quando as pessoas se relacionam elas não sabem o que o outro tem, não está estampado na cara. As vezes a própria pessoa que tem não sabe que tem.
Aluna 2	Às vezes o homem na maioria, por causa das estatísticas, ele é casado, trai e leva a doença para casa.
Aluna 3	Porque às vezes o homem não aceita que a mulher exija camisinha.
Aluna 6	Ah entendi, se a pessoa tem AIDS, aí tem que usar camisinha para não pegar.

Tabela 6: Interação sobre o jogo das DST's ocorrida na Aula 6, Turma 1.

Assim como na turma 2, nas discussões da Aula 1, a vida do casal e adultério aparecem para explicar o aumento de IST's: o homem trai e "leva a doença para casa". Nesse caso, o gênero se materializa nas relações de poder entre homem e mulher: a mulher não consegue exigir que o próprio parceiro se previna, pois ele não aceita ter relações sexuais com preservativo, conforme indicado pela aluna 3.

As relações de gênero aparecem de diferentes formas no discurso, desde formas mais explícitas, como é o caso da interação sobre o desejo da mulher (tabela 4), até de formas implícitas, como é o caso da interação registrada na tabela 5. Em outras interações, isso também é observado nas discussões das aulas 1 e 6:

<b>Falante</b>	<b>Fala</b>
Aluna 3	Uma pessoa bem esclarecida falou que quando o homem engorda é hormônio feminino, quando dá a pochete, aquela bolinha, é hormônio feminino acumulado. Como chama o hormônio feminino mesmo?
Professora	Os hormônios são estrógeno e progesterona.
Pesquisadora	Não sei. Alimentação também, excesso de cerveja, alimentos gordurosos, acumulam gordura na região abdominal.

Tabela 7: Interação sobre hormônios sexuais ocorrida na Aula 1, Turma 2.

Esta interação nos ajuda a compreender como o discurso biológico aparece imbricado a questões sociais. O fato de o homem engordar é explicado pela aluna 3, biologicamente, por ocorrer um acúmulo de hormônio feminino. Poderíamos nos questionar, primeiramente: existe hormônio feminino? Ou seria melhor dizer que existem hormônios que estão em maior ou menor concentração em homens e mulheres? Ao afirmar que o hormônio é feminino, o significado da explicação de uma pessoa "bem esclarecida" é de que o homem engorda quando acumula algo que é próprio da mulher.

A resposta da pesquisadora, apesar de indicar desconhecimento da questão, coloca em cheque à afirmação ao elencar diversas outras razões possíveis para que um homem esteja acima do peso: "alimentação, excesso de cerveja, alimentos gordurosos". Esta interação nos ajuda a pensar sobre o quão presente o gênero está em nossos pressupostos, mesmo que de forma implícita, até mesmo naqueles que carregam uma aparente roupagem objetiva ou científica.

Em outros casos, o gênero emerge como uma questão explícita na fala dos

estudantes, por exemplo, quando uma aluna questiona sobre a violência contra a mulher (Tabela 8):

<b>Falante</b>	<b>Fala</b>
Aluna 2	Por que está acontecendo tanta violência com as mulheres?
Pesquisadora	Está demais
Professora	Sempre teve só que agora a mídia está divulgando mais, vivemos em uma sociedade machista que o homem não aceita.
Pesquisadora	A mulher tem muito preconceito com a própria mulher.
Professora	Nós produzimos preconceito, será que está incentivando? Às vezes a mulher não tem empatia com a outra mulher, por isto que é importante falar sobre isto, para refletir se estamos produzindo preconceito, se estamos tendo atitude errada.
Aluna 1	Por isso que deveria ter um local para um apoio psicológico.
Aluno 5	Isto é uma coisa muito fechada, ninguém quer se meter. As pessoas falam: “da minha vida cuido eu”.
Aluna 2	Você vai fazer o que? Só chamar a polícia!
Professora	Mas acredito que é importante sempre conversar com a pessoa. Tentar fazer algo para ajudar, não podemos deixar pra lá.
Aluno 6	Agente sempre fica na defesa, esta é a grande verdade. Ficamos com vergonha. Minha família chegou, aí ficamos com medo de alguém perguntar.

Tabela 8: Interação sobre violência contra a mulher ocorrida na Aula 1, Turma 1.

A professora busca posicionar a questão, novamente, em um contexto mais amplo: o machismo presente na sociedade e que afeta também as próprias mulheres. Nesse caso, o grupo mobiliza discursos presentes na esfera social sobre relacionamento entre homem e mulher como algo que diz respeito à vida privada, ao casal. A polêmica, neste caso, reside no fato de ser “uma coisa muito fechada” em que cada um deveria cuidar da própria vida, conforme destacado pelo aluno 5. A aluna 6 indica que a mulher fica com vergonha, a presença da família e o medo de alguém perguntar levam ao silenciamento. A professora indica, então, a relevância de se falar sobre o assunto: “por isso que é importante falar sobre isto”, “é importante sempre conversar com a pessoa”. O silenciamento, medo, vergonha, portanto, deveriam ser enfrentados por meio do diálogo.

Indicamos, portanto, a relevância de o professor de ciências proporcionar momentos abertos para discussão e reflexão em grupo. No caso da EJA, nos surpreendemos pelo fato de as discussões sobre perguntas mais voltadas para aspectos biológicos do sexo e das IST's abrissem oportunidade para que se falasse de aspectos sociais e culturais da sexualidade. Isso nos dá indícios que a biologia não está desvinculada do social, indicando o modelo biopsicosocial da Educação em Sexualidade como proveitoso e efetivo para esse grupo de estudantes.

Salientamos, nesse sentido, a abertura do professor ao discutir questões de gênero envolvidos na sexualidade que, conforme indicam nossas interações estão

presentes no discurso dos estudantes jovens e adultos, de forma implícita e explícita, reiterando ou desafiando as relações entre homem e mulher dominantes na sociedade.

## **Conclusão**

Este trabalho oferece evidências sobre a relevância da abordagem biopsicossocial na Educação Sexual, especialmente em se tratando da EJA. Apesar de as perguntas elaboradas pelos alunos estarem mais voltadas, a priori, para aspectos biológicos da sexualidade, por meio das discussões, emergiram outros aspectos mais voltados para questões sociais, como o gênero.

Um dos aspectos que aprendemos ao longo do processo das aulas é que os estudantes foram, gradativamente, se sentindo mais a vontade para falar e com maior liberdade para fazer perguntas e relatar experiências, à medida que o diálogo era construído com o grupo. Criou-se um ambiente mais agradável e aberto, gerando oportunidades para que as dúvidas fossem socializadas.

Outro aspecto relevante diz respeito o quão instigantes são as aulas de Educação Sexual. Os estudantes jovens e adultos revelaram grande curiosidade e interesse, o que foi evidenciado pela participação expressiva e comentários dos alunos ao longo das aulas. Indicamos, nesse sentido, certa proximidade com o que acontece em aulas sobre este tema em turmas com adolescentes (SAMPAIO et al., 2012). Apesar disso, indicamos algumas diferenças importantes, por exemplo: a relação que os estudantes da EJA faziam entre IST's e questões da vida conjugal, o que nos parece estar mais próximo do seu cotidiano.

Por fim, destacamos o processo formativo gerado pela construção deste trabalho. Inicialmente, o projeto estava reduzido apenas à aplicação do jogo com base em noções relacionadas ao lúdico no ensino de ciências. O contato com as turmas e a professora que pesquisamos nos levou a repensar aspectos do planejamento, incorporando, por exemplo, a roda de conversa sobre dúvidas acerca da sexualidade e uma aula sobre as IST's, devido às demandas da professora para as turmas. Após as aulas, na medida em que passamos a analisar os dados, a questão do lúdico tornou-se menos expressiva, ao notarmos a relevância de questões sociais e culturais que emergiram nas aulas.

Nesse sentido, indicamos o quanto seria relevante explorar mais questões de caráter social, mobilizando de forma mais expressiva o modelo biopsicossocial de Educação Sexual em turmas da EJA. Especificamente, indicamos o papel do gênero como uma questão social significativa nas turmas investigadas. Aulas diversificadas e voltadas para modelo biopsicossocial podem estimular e ampliar oportunidades de aprendizagem acerca da sexualidade. Dessa forma, este trabalho é relevante também para que os docentes possam, no desenvolvimento de suas aulas sobre Educação Sexual, refletir e planejar a criação de ambientes propícios ao diálogo e compartilhamento de dúvidas, mesmo aquelas que ultrapassem os limites do viés biológico-centrado.

## **Agradecimentos e apoios**

À PRPq-UFMG (Pró-reitora de Pesquisa) da Universidade Federal de Minas Gerais.

## Referências

- ALTMANN, H. Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), v. 39, p. 175-200, 2009.
- ANDRÉ, M. Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em educação. *Revista Eletrônica de Educação*. São Carlos, SP: UFSCar, v.1, nº. 1, p. 119-131, set. 2007. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br>>.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais* Ensino Fundamental II, Brasília, DF: MEC, 1997.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. *Diretrizes para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas*, Brasília, 2006. 24 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular* (Terceira Versão). Ministério da Educação, Brasília, DF: MEC, 2017.
- CARRENO, I.; COSTA, J. S. D. Uso de preservativos nas relações sexuais: estudo de base populacional. *Rev Saúde Pública*; v.40, n. 4, p.720-26; agosto 2006.
- CARRET, M. L. V.; FASSA, A. G.; SILVEIRA, D. S.; BERTOLDI, A. D.; HALLAL, P. C. Sintomas de doenças sexualmente transmissíveis em adultos: prevalência e fatores de risco. *Rev Saúde Pública*. v. 38, n. 1, p. 76-84, 2004.
- DUARTE, P. M. S. *Educação da sexualidade: modelos e representações de professores*. 87f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2010.
- FERNANDES, X. L. M.; PEDROSO, M. C. M.; RABÊLO, L. M.; CRUZ, A. H. S.; CAVASIN, G. M. Análise do conhecimento de alunos da educação de jovens e adultos (EJA) sobre doenças sexualmente transmissíveis. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, Três Corações, v. 10, n. 2, p. 26-34, ago./dez. 2012.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: Como ensinar no espaço da escola. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 7, n. 1, 2006.
- FRANK, C. *Ethnographic Eyes: A Teacher's Guide to Classroom Observation*, Portsmouth, ME: Heinemann, 1999.
- GREEN, J.; DIXON, C.; ZAHARLICK, A. A etnografia como uma lógica de investigação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte. Tradução de Adail Sebastião Rodrigues Júnior e Maria Lúcia Castanheira. v. 42. p. 13-79. 2005.
- HENDERSON, S.J.; BERNSTEIN, L.B.; GEORGE, D.M.; DOYLE, J.P.; PARANJAPÉ, A.S.; CORBIE-SMITH, G. Older women and HIV: how much do they know and where are they getting their information? *J Am Geriatr Soc*. September; v. 51, n. 9, p. 1549-53. 2004.

- MACHADO, Júlio César Faria. *Sexo com liberdade*. São Paulo: Vozes, 1995.
- MACHADO, S. A. F. M.; MONTEIRO, M. L. M. E.; QUEIROZ, T. D.; VIEIRA, C.F. NEICA.; BARROSO, T. G. M. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS- uma revisão conceitual. *Ciências e Saúde Coletiva*. v. 12, n. 2, p. 335-342. 2007.
- PICONEZ, S.C. B. *Educação escolar de jovens e adultos: das competências sociais dos conteúdos aos desafios da cidadania*. 5 ed. Campinas: Papirus, 2006.
- SAMPAIO, V. P. B.E.S. et.al. Sexualidade no 8º ano de ensino fundamental: reflexões de uma experiência didática. *IV ENEBIO e II EREBIO Regional 4*. SBEnBio – Associação Brasileira de Ensino de Biologia. Goiânia, 18 a 21 setembro, 2012.
- VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. *Revista Brasileira de Educação*. v.22, n.69, abr.- jun. 2017.